

As relações comunicativas entre Portugal, Brasil e Itália

Barbara Bechelloni*

*“Ricercatore” é unno che cerca di scoprire e conoscere ciò che fino a quel momento è poco noto (o almeno dovrebbe)¹.
(Asor Rosa, 2004).*

O pesquisador, poderia ser o navegador, o aventureiro da nossa época. Que vai sempre à procura do desconhecido, sempre à procura de alguma coisa de novo, ou de antigo. A minha experiência em Portugal e no Brasil foi, e ainda é, aquela de tentar conhecer aquilo que não está, ou é pouco, conhecido, aproveitando de um outro olhar, o olhar do estrangeiro, de quem está fora, de quem não está totalmente envolvido na realidade estudada.

O desafio do pesquisador é tentar ver aquilo que os outros não vêem mas que está lá. Associações, relações e laços entre pessoas, coisas, eventos, culturas, identidades

*Pesquisadora italiana, formada com distinção e louvor em Ciências da Comunicação pela Universidade “La Sapienza” de Roma. Defendeu uma tese sobre o sistema das comunicações em Portugal. Está concluindo a Pós-graduação em Comunicação na ECA – Escola de Comunicação e Artes – da Universidade de São Paulo. Colabora com as Universidade de Roma e de Florença. Esta comunicação foi publicada no CD do VI Lusocom “Ciências da Comunicação em Congresso em Covilhã”, 21-24 de Abril 2004.

¹ “Pesquisador” é quem tenta descobrir e conhecer aquilo que até aquele momento está pouco notado (ou pelo menos deveria) tradução minha.

etc... Tentar entender o mundo de hoje, imaginar e talvez projetar o mundo de amanhã através da História como longa duração (Braudel, 1980), através das histórias de vida, dos olhares das pessoas, das paisagens, das ações. A minha abordagem procura ser uma visão holística.

Aquilo que leva a pesquisar são as perguntas. Sem perguntas, sem dúvidas, sem o desejo conhecer, não é possível pesquisar. Se há muitas certezas não há motivação do querer conhecer. A pesquisa vai ser prejudicada pelos preconceitos que têm fecundidade nas muitas certezas.

Portanto, é a partir das dúvidas, das perguntas que o meu trabalho surgiu e continua mudando. Algumas destas perguntas apresentarei aqui para reflexão.

Quais as relações entre estas diferentes identidades? Quais as relações entre portugueses, italianos e brasileiros? Quais os laços comunicativos? As relações comunicativas? O que os portugueses e os italianos trouxeram para o Brasil e os brasileiros? o que os brasileiros trouxeram ou estão trazendo para Portugal e para Itália? De onde essas relações vieram? Como nasceram e como se desenvolveram ou vão se desenvolver ao longo deste século?

São muitas perguntas, a maioria das quais não têm e nunca terão uma resposta fixa, cristalizada. Cada uma destas perguntas leva a muitas outras. Cada uma leva a um conhecimento muito grande que não tenho a pretensão de oferecer nem a presunção de conhecer na sua complexidade.

A minha viagem começou em Lisboa, Portugal, em 2001. Aí tentei entender como um país tão pouco “conhecido” a nível europeu tinha, na realidade, uma história, uma cultura e uma identidade tão rica. Um país que só no fim dos anos oitenta, depois da entrada na União Europeia (1986), começou um processo de desenvolvimento que o levou a crescer em dez anos o que, em outros países, levou quarenta. Na sua identidade e na sua história estão as raízes de uma modernização rápida e desequilibrada.

Identidades múltiplas e contraditórias. A partir da grande visão do Infante D. Henrique – filho do rei D. João I e da sua mulher, a rainha D. Filipa de Lancaster, também senhor da Covilhã – que foi um gênio do mar e das descobertas, até a incapacidade, própria de outros, regentes ou políticos, em aproveitar dos mundos descobertos para abrir-se aos *outros*, trazendo folêgo cultural para a população que acabou sendo – só hoje começa a mudar – sempre muito homogênea. Portugal sempre foi, apesar da expansão colonial, um país fechado que não soube aproveitar culturalmente e socialmente a posição privilegiada que teve para olhar o mundo. António Barreto, principal investigador do núcleo científico do ISC – Instituto de Ciências Sociais – da Universidade de Lisboa, escreveu em 1996 dos portugueses:

assimilaram a cultura, a modernidade, as ambições, os com-

portamentos e as expectativas dos países mais ricos. No entanto, no campo das atividades criativas, na capacidade econômica, na formação técnica, na força competitiva, na criação de riqueza e no talento organizativo, a assimilação é muito mais lenta. (Barreto, 1996).

Ao longo dos séculos, os portugueses iam emigrando principalmente para a África, para os arquipélagos dos Açores, Madeira, Cabo Verde e para o Brasil. Eles levavam a própria experiência cultural contribuindo, nesses outros países, ao *encontro entre-culturas* e à construção de novas identidades híbridas.

É no fim da década dos setenta do século XX, através dos *fluxos* mediais, que Portugal “descobriu” o mundo e uma outra vez o Brasil. Abriu-se aos *contrafluxos* culturais ou *fluxos de volta, de retorno*, através dos meios de comunicação, através do rádio, da imprensa, mas sobretudo através da televisão. Os portugueses começam a encontrar o *outro* – além do movimento físico no espaço geográfico – pelas viagens indiretas e pelas práticas simbólicas e imaginárias na difusão das mídias.

As narrativas começaram a viajar (Buonanno, 2003). *Gabriela* foi a primeira telenovela brasileira baseada no livro de Jorge Amado *Gabriela, cravo e canela*, que “viajou”. Apareceu na televisão portuguesa em 1977, patrocinada pela TV Globo, acompanhada por um espetáculo de MPB (Música Popular Brasileira) encabeçado por Vinícius de Moraes.

Começou um novo tipo de experiências de deslocamento, viagem sem partida, migrações sem abandono do lugar de origem

(Moore, 2000), viagens culturais (Clifford, 1997).

Aqui está uma das primeiras etapas da minha viagem que continua agora no Brasil pelas trilhas lusófonas e “itálicas”. É no Brasil que Portugal e Itália encontram-se criando novas comunidades, novas culturas, novas identidades.

Para quem quer conhecer o Brasil, surtiro ir a São Paulo pelo menos uma vez. Dar uma volta de carro, de ônibus e a pé. Três diferentes formas de vê-la e conhecê-la. São Paulo é uma cidade para ser vivida e não só olhada.

Na Europa, infelizmente, na Itália sobretudo, é comum identificar o Brasil só com a cidade do Rio de Janeiro – aliás, Rio – como um ícone do sexo, da transgressão, das mulheres, da praia, do sol e dos meninos de rua. Algumas pessoas nem conhecem a existência dessa gigantesca megalópole que é São Paulo, de muitos milhões de habitantes, a terceira maior cidade do mundo – segundo as estatísticas oficiais, a cidade têm 18 milhões de pessoas, mas considerando a Grande São Paulo alcança os 24 milhões.

Quando cheguei em São Paulo não acreditava na quantidade de ícones que via e que lembravam a Itália. Vi letreiros em lojas, em restaurantes com nomes italianos, bandeiras, que na Itália raramente se vêem. É só entrar em um táxi, começar a falar com o motorista para descobrir que o sobrenome dele é italiano e que a sua avó ou seu avô ou bisavó/bisavô veio da Itália, talvez casada/casado com um português. . .

Mas nestes meses de pesquisa viajei para outras cidades e até em pequenos “cantiños” do Brasil, aí também encontrei – vi nos meus olhos – signos, símbolos de italianidade ou melhor de contaminação de italianidade.

Mas quem são portanto os imigrantes? Muitos estudos foram feitos, a maioria olhando para um povo que fugiu da fome, da miséria ou da guerra. Trabalhos de números e histórias, passaporte e malas de papelão. Poucos desses trabalhos – pelo menos os que encontrei até agora – tentaram utilizar as ferramentas das ciências sociais, da “culturologia” aliadas à História. Entender o papel que tiveram na construção da moderna identidade brasileira. Nas mudanças, no desenvolvimento de algumas regiões, estados e cidades, em particular da metrópole paulista. Como contribuíram? O quê levaram na viagem, além das malas de papelão, do macarrão, da pizza e da esperança? Alguns estudos procuraram descobrir o conteúdo físico das malas, a história política da Itália que estavam deixando, as razões mais evidentes, mais simples. Mas pouco se estudou as influências culturais, como a cultura “itálica” se integrou com os brasileiros e com a cidade. Por que os italianos tiveram tanta facilidade em se misturar, se abrir ao *outro*? Como eles foram importantes para o desenvolvimento, para o processo de urbanização e modernização de São Paulo, do Rio Grande do Sul como de outras áreas?

Os italianos pertecem – também aqueles que vieram para o Brasil – a diferentes “itálicas” caracterizadas prevalentemente por etnias, geografias e histórias diferentes, mas também pela cultura do trabalho com uma extensa configuração: marinheiros, pescadores, *mezzadro* e assalariados, *pastori* e camponeses, comerciantes e artesãos.

Um elemento importante, que a longa e intensa história da península itálica constituiu em todos os italianos, é uma memória articulada e rica de relações entre as classes e as populações, as culturas e as etnias.

Não existe o tipo italiano “puro”. O que ajudou os italianos a se misturar, a se integrar, mantendo um dos signos distintivos da própria identidade – a coexistência das diversidades e a pluralidade das culturas (Bechelloni, 2003).

Não quero ser mal interpretada. Esta não pretende ser uma fala para exaltar os italianos e a cultura italiana. Quer ser um estímulo à procura das raízes do ser brasileiro – ajudando também a entender melhor a Itália e os italianos de ontem como os de hoje – que, sim, são diferentes: algumas raízes mais antigas, que não podem ser esquecidas, mas também algumas mais “recentes”, como a italiana, a portuguesa, a alemã, que contribuíram à formação da identidade brasileira. Pertence a uma visão muito limitada – que ultimamente está muito na moda – ir à procura só das raízes indígenas pensando que são as únicas verdadeiras raízes desse país. São importantes e não devem ser esquecidas, pelo contrário, têm de ser consideradas numa relação complexa de raças e identidades que conviveram e convivem no Brasil de formas diferentes. Tentar procurar a longa duração da história brasileira. Abrir um diálogo entre o passado e o presente. Parafraseando Braudel: “o que é o Brasil? Mil coisas, mil culturas, mil identidades todas juntas”.

A História não é nada mais que uma contínua série de interrogações ao passado em nome dos problemas e das curiosidades – mas também das inquietações e das angústias – do presente que está a nossa volta e que nos cerca. [tradução minha] (Braudel, 1949)

Fluxos e contrafluxos da Europa às Américas e das Américas à Europa. Navega-

dores, aventureiros, bandoleiros, comerciantes, depois imigrantes, empresários, turistas... Aberturas de caminhos, rotas para trocas, convergências. Confluências entre culturas e identidades que criaram outras culturas e outras identidades... Em uma significação não negativa do termo, os colonizados viraram colonizadores e vice-versa.

As culturas se hibridam (Canclini, 1997), mas o sujeito é fragmentado em diferentes identidades que convivem.

A condição de homem exige que o indivíduo, embora exista e aja como um ser autônomo, faça isso somente porque ele pode primeiramente identificar a si mesmo como algo mais amplo (...). (Roger Scruton in Hall, 1992).

A identificação nacional é importante e “o homem deve ter uma nacionalidade assim como deve ter um nariz e duas orelhas” (Gellner, 1983). As identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas. A italianidade ou a brasilidade são o que produzem sentidos, significados, um sistema de representação cultural. As pessoas participam da idéia da nação tal como representada em sua cultura nacional. Uma nação é uma comunidade simbólica e a identidade nacional é uma *comunidade imaginada* (Anderson, 1991).

Como a brasilidade e a italianidade podem ser distinguidas no Brasil? Quais as percepções da italianidade de um brasileiro de origem e qual a sua brasilidade?

Como falei as perguntas são muitas e continuam surgindo. Precisam de mais espaço e de mais tempo para serem comentadas. Aqui só quis propor algumas reflexões, sugestões e rotas possíveis. Espero ter conseguido.

Viajo em busca de um mais amplo e ainda em desenvolvimento estudo das identidades e das relações comunicativas que interligam Portugal, Itália e Brasil, para o qual remando a futuros encontros e publicações.

No meu trabalho de pesquisa vou ter que percorrer ainda muitas rotas, conhecer muitas pessoas, ver muitas coisas e ouvir muitas histórias e estórias. Estas são as origens do caminho em busca de uma história global, que possa nos ajudar a pensar o mundo numa ótica cosmopolita que considera a comunicação como elemento fundamental para a compreensão do *outro*, mas mais ainda, a aceitação do *outro*, do diferente de nós.

Referências bibliográficas

- Fondazione Giovanni Agnelli (1987). *Euro-americani*. Le popolazione di origine italiana in Brasile, vol. 3, Torino.
- Indice Internazionale (2003). *Italiani*. Le lettere dall'Italia dei corrispondenti stranieri, Roma.
- “The Economist” (2004). *Il mondo in cifre 2004*, Roma: Internazionale.
- ABRUZZESE, A. e SCURTI, G. (2001). *L'identità mediale degli italiani*. Venezia: Marsilio.
- ANDERSON, B. (1996). *Comunità immaginate*. Origini e fortuna dei nazionalismi. Roma: Manifestolibri. (1ª ed. 1991).
- BACCINI, M. e DIAGONALE, A. (2002). *Libro bianco. Immagine e identità degli italiani*. Come ci vedono gli stranieri. I dati degli Istituti Italiani di Cultura. Roma: Centro Studi Stampa Romana Francesco De Sanctis.
- BARRETO, A. (org.) (1996), *A situação social em Portugal, 1960-1995*. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais.
- BASSETTI P. (2001). *Globali e locali! Timori e speranze della seconda modernità*, Milano: Giampiero Casagrande Editore.
- BECHELLONI, B. (2001-2002). *Identità portoghese e comunicazione*, Vol. 1. Tesi di laurea della Facoltà di Scienze della comunicazione dell'Università “La Sapienza” di Roma.
- BECHELLONI, B. (2001-2002). *Verso una società della comunicazione?*, Vol. 1. Tesi di laurea della Facoltà di Scienze della comunicazione dell'Università “La Sapienza” di Roma.
- BECHELLONI G. (2004). *Il silenzio e il rumore*. Destino e fortuna degli italici nel mondo, Roma-Firenze: Mediascape Edizioni.
- BECHELLONI G. (2003). *Diventare italiani*. Coltivare e comunicare la memoria collettiva. Napoli: Ipermedium libri.
- BECHELLONI G. (2003). *Diventare cittadini del mondo*. Comunicazione e cosmopolitismo responsabile. Roma-Firenze: Mediascape Edizioni.
- BEVILACQUA, P. DE CLEMENTI, A. e FRANZINA E. (a cura di), (2002). Comitato nazionale “Italia nel mondo”, *Storia dell'emigrazione italiana*. Arrivi. Roma: Donzelli Editore.

- BEVILACQUA, P. DE CLEMENTI, A. e FRANZINA E. (2002). Comitato nazionale Italia nel mondo, *Storia dell'emigrazione italiana*. Partenze. Roma: Donzelli Editore.
- BRAUDEL, F. *La Méditerranée et le monde méditerranéen à l'époque de Philippe II*. Tome 1 e 2. Paris: Armand Colin, 1990. (1ª ed. 1949).
- BRAUDEL, F. (1980), *Posizioni della storia e Storia e scienze sociali*. La lunga durata. In *Scritti sulla storia*, Milano: Mondadori.
- BUONANNO, M. (2002). *Além da proximidade cultural*. Comunicação do Seminário da Telenovela outubro 2002, São Paulo: USP.
- CANCLINI, N.G. (2003). *Culturas híbridas*. São Paulo: EDUSP. (1ª ed 1997).
- CLIFFORD, J. (1999), *Strade*. Torino: Bollati Boringhieri. (1ª ed. 1997).
- FRANZINA, E. (1995). *Gli italiani al nuovo mondo*, Milano: Mondadori.
- FREYRE, G. (2003). *Casa Grande e Senzala*, São Paulo: Global. (47ª ed.).
- FREYRE, G. (2001). *Interpretação do Brasil*. São Paulo: Companhia Das Letras.
- GELLNER, E. (1997), *Nazioni e nazionalismi*. Roma: Editori Riuniti. (1ª ed. 1983)
- HALL S. (1997). *Identidade e cultura na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A. (1ª ed. 1992).
- LOPES, M. I. V. (2003). *Pesquisa em Comunicação*. São Paulo: Loyola.
- LOPES, M. I. V. (2001). *Por um Paradigma Transdisciplinar do campo da Comunicação*. In: Dowbor, Ladislau et al (orgs.). *Desafios da Comunicação*. Petrópolis: Vozes.
- MEDINA, Cremilda (org.) (1992). *Tchau Itália Ciao Brasil*. São Paulo de Perfil – 12, São Paulo, CJE/ECA/USP.
- MOORES, S. (2000). *Media and Everyday Life in Modern Society*. Edimburg: Edimburg University Press.
- PECCHINENDA G. (1999). *Dell'identità*. Napoli: Ipermedium libri.
- PRADO, P. (2001). *Retrato do Brasil*. São Paulo: Companhia Das Letras.
- SBOLCI, A. (2001). *Amore di terra lontana*. Firenze: Le Lettere.
- SORIA, R. (1997). *Fratelli lontani*. Napoli: Liguori.
- TRUPIA, P. e STEFANI, B.S. (2003). *L'impresa conviviale*. Milano: Egea.

Artigos em Periódicos, Revistas ou Sites

- ASOR ROSA, A. *Oltre i confini del mondo conosciuto*, "La Repubblica", 4-03-2004.
- FERIN, I. *A Revolução da Gabriela: o ano 1977 em Portugal*. Biblioteca on line de Ciências da Comunicação (www.bocc.ubi.pt)

POZZI, E. (1999). *Il mondo in italiano*. In
“Impresa & Stato”, quaderno della Ca-
mera di Commercio di Milano.